

ACOPLAMENTOS ARQUITETÔNICOS E A RESSIGNIFICAÇÃO DA PAISAGEM CONSTRUÍDA

Natalie Rachid Baptista (IC) e Igor Guatelli (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

O destino de estruturas ociosas que tiveram suas funções originais expropriadas ou interrompidas, a partir de superações de estruturas sociais, históricas ou mudanças de lógicas econômico-produtivas, é também uma forma de se debater o valor patrimonial nas cidades. Ainda, forma pela qual se pode ressignificá-las na paisagem construída, dando novos significados, abrindo a possibilidade de novas apropriações. A dimensão de propriedade, do que é próprio, se rompe, é desmanchada, as estruturas ociosas existentes no meio urbano deixam de ser próprias e se abrem a novas possibilidades, estão à disposição para outras apropriações. Dentre outras maneiras de apropriações, os acoplamentos arquitetônicos, com resultados não necessariamente unos ou harmônicos, totalizantes, aproximam-se de um possível entendimento do conceito de montagem, principal vetor de análise e problematização dessa pesquisa. Pela possibilidade de se considerar o múltiplo, o desarmônico, as associações inusitadas, díspares, não complementares, surge uma ideia de montagem conceituada e explorada pelo jogo surrealista “Cadavre Exquis”¹, apresentado pelo orientador desse trabalho. Essa ideia de montagem tem como suporte estruturas existentes e são resultado de um processo de agenciamentos entre diferentes elementos, sendo um e outro ao mesmo tempo, sendo o antigo e novo, conformando um todo disjuntivo, uma outra arquitetura, resultado de uma multiplicidade una.

Palavras-chave: Acoplamentos. “Cadavre Exquis”. Restâncias

ABSTRACT

The future of idle structures, which had their original functions expropriated, cut away or interrupted, whether from overcoming social, historical structures or changes in economic-productive logic, is also a way of debating heritage value in cities and a way whereby they can be re-signified in the built landscape, giving new meanings, opening the possibility of new appropriations. The dimension of a property, of what defines it as itself is broken down. The idle structures existing in the urban environment are no longer their own and open up to new possibilities and they become available for other appropriations. Among other ways of appropriation, the architectural couplings, with results not necessarily singular or harmonic in its totality, approach a possible understanding of the concept of assembly, the main vector of analysis and problematization of this research. Due to the possibility of considering the

¹ “Cadavre Exquis”, jogo surrealista que será explicado posteriormente no decorrer da pesquisa.

multiple, the inharmonious, the unusual, disparate, non-complementary associations, an idea of montage emerges, conceptualized and explored by the surrealist game “Cadavre Exquis”², presented by the advisor of this work. This idea of assembly is supported by existing structures and are the result of a process of assemblages between different elements, one and another at the same time, the old and the new, forming a disjunctive whole, a different architecture, the result of a singular multiplicity.

Keywords: Couplings. “Cadavre Exquis”. Restances

² “Cadavre Exquis” Surrealistic game that will be explained later in the course of the research.

1. INTRODUÇÃO

Como uma simbiose de tempos históricos, o território urbano possui vestígios de estruturas que, de certa forma, entraram em crise por não se adaptarem [ou não serem mais úteis para determinado papel ou finalidade] mais às lógicas - produtivas, sociais - do momento atual. Tais vestígios representam tanto uma extensão do passado no presente como presenças de um passado inexistente ou quase.

Porém, é possível [re]contar a história – ou histórias - pelos rastros deixados de outros tempos, expressos tanto por ausências quanto presenças, físicas e imateriais. Se a obsolescência é uma realidade inexorável das grandes cidades, é por ela que podemos investigar, interpretar, repensar e reinscrever processos históricos na própria história; a história a partir de seus rastros.

O pressuposto “original” de algo, da coisa, persiste, apesar de não mais existir. Tudo o que resta de algo já é diferente do seu significado primeiro, torna-se já outra coisa, devir da coisa mesma. A paisagem urbana, um palimpsesto, nos mostra o que restou de outros tempos, os passados presentes como uma possibilidade de retorno de certas estruturas em potência de sua existência. Também da construção de novas arquiteturas, sem que exista qualquer tipo de hierarquia entre o resto e o novo, apesar da noção de “resto” já trazer um julgamento prévio sobre as coisas. Esse “resto” pode ser, contudo, a possibilidade de se recontar a própria história, fundamental, portanto, para que a ela permaneça aberta, viva.

Pela análise projetual do processo de reconversão de quatro estruturas no mundo surge uma investigação teórico e prática sobre o valor de algumas restâncias. Discussões conceituais e ensaios teóricos impulsionaram e suportaram a investigação dos projetos, sendo estes: a Cité de la Mode et du Design [Paris], o Boulevard Macdonald [Paris], o Kraanspoor [Amsterdam] e a Maison du Port [Antuérpia].

Os projetos analisados se aproximam por terem sido reapropriados pela cidade de uma maneira distinta do que eram, novas moradas provenientes de restos de outros fluxos, parte de um processo de montagem e acoplamento entre novas e antigas estruturas como experiência arquitetônica; uma experimentação projetual por acoplamentos múltiplos visando a montagem de um todo.

Entretanto, esses projetos se diferem pela forma como voltaram ao agora da história, devolvidos ao momento histórico, pelas intensidades de fluxos e dinâmicas sociais e urbanas produzidas por essa nova posição e disponibilidade urbana advinda dessa des-articulação³ entre resto e novo, outras paisagens ressurgem transfiguradas nesse retorno como outro. Por

³ Possuem uma articulação não unitária, seria um uno múltiplo, em que ficam evidentes partes que não se complementam de forma harmônica e unívoca, mas que se articulam em diferentes intensidades.

comparação, diferenças e semelhanças desses “patrimônios”⁴ que retornam serão evidenciadas e discutidas nesse trabalho.

Figura 1: Cité de la Mode, Paris



Fonte : Arquivo pessoal (2019)

Figura 2: Boulevard Macdonald, Paris



Fonte : Arquivo pessoal (2019)

Figura 3: Kraanspoor, Amstedã



Fonte : Arquivo pessoal (2019)

Figura 4: Maison du Port, Antuérpia



Fonte : Arquivo pessoal (2019)

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1. Continuidades e rupturas

As grandes cidades europeias eram no século XIX e XX essencialmente industriais. Estruturas de suporte à indústria, como linhas férreas, galpões, estruturas portuárias, etc., objetos marcantes na paisagem urbana fizeram parte das lógicas de abastecimento e produção industriais. Com a saída dessa produção dos centros urbanos, essas estruturas se consolidaram como memória, como objetos ociosos à deriva na cidade, cadáveres abandonados, que foram retirados do seu fluxo inicial, inseridos em novos fluidos e correntes, e que agora fazem parte de outros processos de transformação, como o de reutilização dessas estruturas para novos usos.

A questão da ociosidade patrimonial se insere numa discussão mais ampla, sobre o sistema capitalista regente nas dinâmicas econômicas e sociais, incluindo a arquitetura e o urbanismo como reflexo desse pensamento. O capitalismo, para se manter como sistema hegemônico, dominante, renova-se permanentemente em suas dinâmicas, e, como consequência, descarta aquilo que não se adequa mais às novas lógicas produtivas, aos modos de produção e de sua própria reprodução. Interessa-nos esse descarte, esse “patrimônio”, tombado ou não, como meio de construções de novos “patrimônios” urbanos e sociais.

Assimilar a questão de reabilitação⁵ do patrimônio industrial na Europa significa abordar uma parte da história urbana das últimas décadas. O patrimônio que resta nas cidades simboliza, de alguma forma, a potência que aquele objeto tem de retornar e perdurar

⁴ “Patrimônio” nesse trabalho é conceituado a partir de dimensões materiais e imateriais das estruturas. Não são considerados, nesse caso, apenas estruturas oficialmente tombadas, mas sim, levando-se em consideração o conceito de representatividade, ou seja, elementos que de alguma forma deixem no território traços, marcas de outros tempos e lógicas, representativos de outras dinâmicas que restaram na paisagem construída, mesmo que obsoletas, e que, agora, retornam como potência para sua própria reinserção e atualização urbana.

⁵ O uso do termo reabilitar no sentido de habilitar a estrutura não como uma repetição, mas sim como outra coisa, com outro programa e outra intenção arquitetônica

no tempo, com novas atividades, usos e atrações. A reabilitação remete à ideia de mudança de estado, o habilitar algo que estava inativo, desabilitado, abordando diferentes estratégias usadas para sua realização, sendo uma delas o acoplamento de novas estruturas naquilo que restou como memória de uma história ultrapassada.

Se a lógica é de uma eterna superação da história pela “necessidade” da sua produção e renovação, traço da modernidade, cabe a pergunta, o que resta hoje? A política capitalista se reflete na arquitetura e nas artes, a indústria do descarte e das rápidas substituições são vistas nas demolições do que aparenta não se encaixar mais nos modelos criados pela atual lógica do capitalismo financeiro. O descarte do patrimônio urbano e a criação de novas cidades fazem parte da defesa de uma ideologia de que tudo aquilo que perdeu sua função inicial deve ter sua presença questionada e deve ser simplesmente interrompido.

Porém, a interrupção pode não se opor à continuidade. Corte e Fluxo são, para Deleuze, o mesmo conceito, não existindo a dualidade pressuposta entre eles. Interromper não é o oposto de fluir, mas sim a condição para que alguma coisa queira fluir. “Un flux ne coule que coupé”, [um fluxo só flui uma vez cortado (tradução livre)] ou seja, o fluxo só corre uma vez cortado e só flui para onde sua interrupção seja possível, sem nunca se concretizar em uma forma única. Fluxos históricos, como a era industrial, são interrompidos, não existe a necessidade de que algumas estruturas existam ou retornem como eram a priori, mas essa interrupção abre espaço para a chegada e recepção de outros fluxos e multiplicidades no espaço, de outros tempos no mesmo tempo. O que resta de fluxo interrompido é receptáculo de novos fluxos. O que resta de estrutura (antigo) é receptáculo de novas estruturas (novo), tornando-se outra coisa sem abandoná-la ou destruí-la, sem que haja sua completa transformação.

O exercício de junção e conexão de estruturas que foram desterritorializadas de suas finalidades “originais” aparece como um percurso sem origem. Ainda segundo Deleuze, o território teria um conjunto de componentes em constante movimento, em constante busca por novos territórios e lugares. O encontro dos diferentes ritmos, velocidades e frequências de cada componente se arranja em um conjunto urbano, sem que se consolide como algo fixo, mas como algo capaz de ser interrompido, desterritorializado e territorializado novamente, sem um ponto final. “A máquina de produção de diferentes” seria a ideia do refrão, “Ritournelle”⁶, que se repete, mas nunca da mesma forma. Os componentes, uma vez desterritorializados já são outra estrutura, sem deixarem de ser o que eram anteriormente.

⁶ O Conceito de Ritournelle [refrão], segundo Deleuze seria o conjunto de expressões que marca um território, seria a repetição não idêntica, a “máquina de repetição de diferenças”. Esse conceito está indissociável da ideia de desterritorialização e reterritorialização. O Ritournelle nasce do caos, a partir do encontro de diferentes meios, ritmos, e velocidades de cada componente. Esses componentes estão em constante movimento, em constante busca por novos fluxos, no constante busca do território por novos territórios.

Essas conexões excedem qualquer tipo de regra e codificações e se opõem a qualquer princípio de organização, hierarquia e estrutura. Analisando-as ainda a partir de Deleuze, é possível associar esse processo ao conceito de Corpo Sem Órgãos. Os órgãos de um organismo são lugares fixos, com funções e funcionamentos bastante definidos e precisos, dessa forma, um corpo sem órgãos seria justamente o surgimento de novas relações, agenciamentos improváveis e de novas territorialidades, capazes de fluir e circular livremente, sendo puro fluxo.

“C’est un corps intense, intensif. Il est parcouru d’une onde qui trace dans le corps des niveaux ou des seuils d’après les variations de son amplitude. Le corps n’a donc pas d’organes, mais des seuils ou des niveaux (ZOURABICHIVILI, 2013, p. 15)

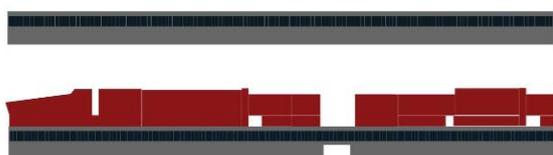
[Em português(Tradução livre)] “É um corpo intenso, intensivo. Ele é percorrido por uma onda que marca no corpo níveis ou limites de acordo com as variações de sua amplitude. O corpo não possui portanto órgãos, mas limites e níveis”

A chegada de novos fluxos e novas estruturas introduzem uma maneira diferente de se pensar o patrimônio urbano, não mais vistos como estruturas a ser reconvertidas ou museificadas, mas como suporte para acoplamentos arquitetônicos e urbanos, arquiteturas parasitas e ou comensais, mutuais, capazes de reinventar e reposicionar o existente no urbano, evidentemente, com distintos graus qualitativos de interação urbana, social e arquitetônica. De que forma a chegada de um novo fluxo, a partir do seu corte inicial, consegue ou não ressignificar tanto a própria estrutura, com novas arquiteturas acopladas a elas, quanto o lugar urbano em que se encontram? Estruturas restantes podem já ser estruturas de devires a partir de uma montagem diversa, explorando as singularidades e dissonâncias entre o antigo e o novo.

2.2. A montagem como imagem e construção

Pensar no todo como algo unitário, coeso em si, exclui a possibilidade de se pensar na junção de partes que constituem esse suposto todo como multiplicidades unas. Fragmentos abrem novas possibilidades de composições e arranjos e os processos de montagem, seja no âmbito da imagem, palavra e da construção, nos levam a pensar de maneira diversa e múltipla. Por meio dessas composições, podem ser estudadas novas relações entre o patrimônio ocioso nas cidades e junções acopladas a ele, criando-se outras realidades desarticuladas ou alternativas à origem.

Figura 5: Boulevard Macdonald antes e depois (acoplamento em vermelho)



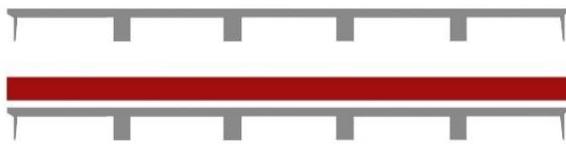
Fonte: Autor do artigo

Figura 6: Cité de la Mode antes e depois (acoplamento em vermelho)



Fonte: Autor do artigo

Figura 7: Kraanspoor antes e depois (acoplamento em vermelho)



Fonte: Autor do artigo

Figura 8: Kraanspoor antes e depois (acoplamento em vermelho)



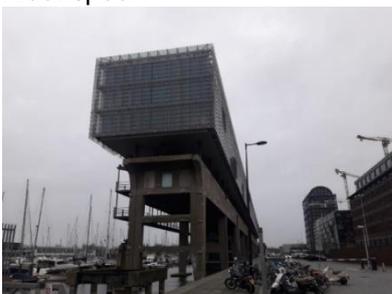
Fonte: Autor do artigo

Os diagramas acima expressam o processo de montagem por meio dos acoplamentos arquitetônicos das quatro estruturas estudadas, evidenciando a diversidade produzida a partir de um todo não necessariamente harmônico totalizante. Existe, nesses casos, o desfrute da desarmonia como questionamento, em decorrência da junção e montagem de diferentes elementos, com diferentes estratégias de acoplamentos. Ou seja, o uso de partes que compõem a nova estrutura formada desestabiliza a totalidade construtiva e estética pré-estabelecida.

O conceito de disjunção, de Bernard Tschumi, abre possibilidade para leituras e questionamentos mais profundos quanto à questão unitária e estática da arquitetura. Segundo o autor, a síntese é questionável, uma vez que a articulação dos componentes de uma construção se dá de forma dinâmica e ativa. Existe o rompimento da forma harmônica, a articulação entre o antigo e o novo ocorre a partir da junção de elementos díspares, de diferentes linguagens, materialidades, enfim, gramaticalmente distintos. Existem, ao mesmo tempo, diversas operações associadas entre si que formam a composição total, mas não única, da arquitetura, como sobreposições, repetições, distorções, etc.

A relação entre a expressão do objeto arquitetônico (sua vigência) e de seu conteúdo (seu ser) são constantemente deslocados, há uma disjunção como processo de ruptura do pensamento unitário e sintético. Expressão e conteúdo articulados por dissonância. Seria a montagem arquitetônica como uma sucessão de cenas e quadros, tanto na forma física da construção quanto nos acontecimentos e nas relações sociais ali instaladas. A ideia de ordem e equilíbrio é constantemente questionada e ameaçada.

Figura 9: Des-articulações, Kraanspoor



Fonte: acervo pessoal (2019)

Figura 10: Des-articulações, Maison du Port



Fonte: acervo pessoal (2019)

Figura 11: Des-articulações, Acesso vertical, Cité de la Mode

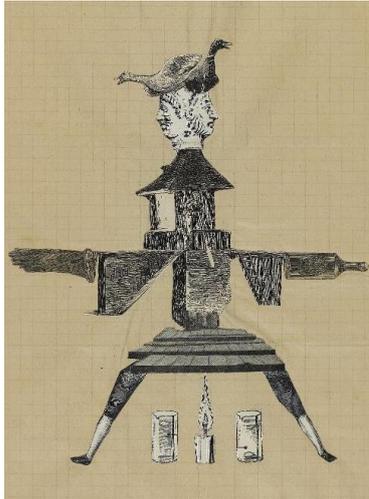


Fonte: acervo pessoal (2019)

A questão da des-articulação arquitetônica tem como principal referência nesse trabalho a arte surrealista, especificamente o jogo jogado nos saraus surrealistas chamado o “Cadavre Exquis”, que exprime de maneira visual uma composição diversa, e explora o desequilíbrio e a descodificação dos ideais estéticos.

2.2.1 “Le cadavre exquis”: a unidade múltipla

Figura 12: “Le Cadavre Exquis”, Jacqueline Lamba, Yves Tanguy, André Breton



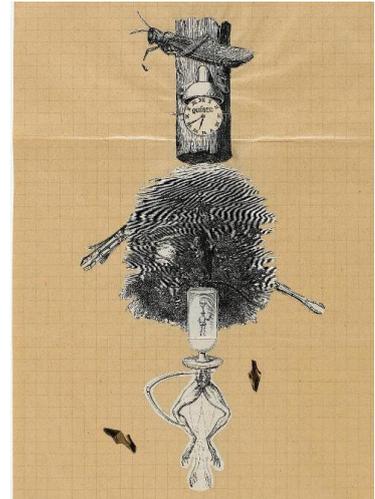
Fonte: centrepompidou.fr

Figura 13: “Le Cadavre Exquis”, André Breton, Jacques Herold, Wifredo Lam



Fonte: centrepompidou.fr

Figura 14: “Le Cadavre Exquis”, Jacqueline Lamba, Yves Tanguy, André Breton



Fonte: centrepompidou.fr

O intuito é retomar os princípios desse jogo e expô-lo como potencial para o entendimento dos acoplamentos arquitetônicos como forma de montagens e da construção de um todo arquitetônico não como uma forma harmônica ou um todo uniforme, mas como um trabalho de articulação excêntrica. Na composição final, não existia um único ponto central do desenho, mas a junção de centros, de componentes originalmente distintos, essa montagem será estudada a partir dos quatro projetos anteriormente citados, a Cité de la Mode et du Design [Paris], o Boulevard Macdonald [Paris], o Kraanspoor [Amsterdam] e a Maison du Port [Antuérpia].

“Le Cadavre Exquis” [o cadáver requintado] foi um jogo criado pelos surrealistas, cujo princípio era de criar um poema ou um desenho de forma coletiva. Cada artista escrevia ou desenhava algo e dobrava o papel deixando apenas um traço da produção anterior, para que o próximo jogador desse continuidade, e assim por diante, até que o papel fosse desdobrado, apresentando o resultado de uma montagem, costurada por diversas partes distintas, compondo um todo final.

Esse conjunto é formado pela reunião das partes, feitas em tempos distintos e remarcando a individualidade de cada elemento como componente de um conjunto final. No caso da arquitetura e dos casos estudados, adição em diferentes momentos, de partes que formam um todo articulado. A essência do jogo se dá pelo elemento articulador, o elemento de conexão entre os diferentes artistas, ou o elemento de conexão de tempos distintos. Esse

elemento sofre um processo de constante descontextualização e recontextualização. O que esse traço articulador significava para o primeiro artista já não significa a mesma coisa para o próximo artista.

Como no jogo, a arquitetura anterior já não significa, no contexto urbano, a mesma coisa, ela se desterritorializou do seu contexto primeiro e se reterritorializou no contexto atual. Ao se acoplar uma nova arquitetura a ela, o conjunto formado se articula de outra maneira com a cidade, seja pela forma de reinserção na cidade ou pela mudança programática. Retomando o conceito de *Corpo Sem Órgãos*, de Deleuze “como se a disparidade das diferentes peças se tornasse uma razão para pô-las juntas, fazê-las funcionar conjuntamente” (LAPOUJADE, 2003, p. 18)

O “resto”, seja ele o traço do desenho, a palavra ou arquiteturas anteriores se desterritorializa de suas funções originais e se reterritorializa com a chegada de um novo fluxo. A interrupção na continuidade do desenho, do pensamento, dá abertura a novas possibilidades, disjunções que criam composições, usos e funcionalidades. O traço solto do artista anterior tornou possível a articulação com um novo desenho, colocando em evidência a pluralidade e a montagem de uma composição final. O corte do desenho torna possível a chegada de um novo fluxo, de um novo desenho. O corte histórico, torna possível a chegada de novos fluxos e novas estruturas e programas.

Figura 15 : Entrepôt 1985



Fonte : <http://ronanlacroix.com>

Figura 16 : Entrepôt 2019



Fonte : acervo pessoal (2019)

2.2.2 Acoplamentos

A palavra acoplamento nos leva a relações interespecíficas, que serão também uma forma de análise, em que cada elemento age como uma espécie diferente, e esse novo conjunto (antigo + novo) gera situações distintas e de reciprocidade com o contexto urbano.

Assim como os componentes do território, de “Ritournelle”, o parasita busca em outros territórios (para-site, além do local) a sua existência, sem criar raízes muito consolidadas, sem se consolidar como nova criatura. A arquitetura por acoplamento busca suporte na estrutura ociosa, e essa nova estrutura (novo + antigo) ressurge com uma outra relação hierárquica. Michel Serres, em seu livro “Le Parasite” mostra a multiplicidade das formas de parasitismo,

relativizando as posições do parasita e do hospedeiro, o conjunto possui uma relação dinâmica.

O parasita, teoricamente, é aquele que se usa de um outro ser, mais forte, para sobreviver, porém analisando os estudos de caso, aquele que chega depois, o parasita, por acoplamento, pode acontecer para injetar vitalidade naquele que está “morrendo” ou perdendo força diante das circunstâncias do momento, a estrutura ociosa não seria apenas suporte para a estrutura parasita, mas também parasita, nos sentido de se alimentar da nova estrutura acoplada para sua existência. Com uma lógica de ligações, acoplamentos e agenciamentos, as próteses e os fluxos dessas novas arquiteturas são como mutações, como montagens, a arquitetura construída sobre a arquitetura, a cidade na cidade, outras cidades.

Os fluxos que um dia irrigaram essas estruturas ociosas foram cortados, secados, abrindo a possibilidade, ao mesmo tempo, para que novos fluxos irriguem e as re-lubrifiquem. As estruturas estudadas nessa pesquisa nos remetem a essa discussão, cada uma das arquiteturas age como uma espécie diferente e os tipos de relação com o espaço público, as diferenças programáticas e os níveis de acoplamentos podem ser o novo fluxo capaz de gerar novas situações de dinamicidade e reciprocidade com o contexto urbano, ou também, pode ser esse líquido capaz de preservar uma carcaça, sem trazer uma nova vitalidade.

Figura 17: Implante, fluxo vertical



Fonte : canalarchi.eu

Figura 18: Arquitetura objeto



Fonte : ideat.thegoodhub.com

Figura 19: Sobreposições



Fonte : leparisien.fr

O acoplamento arquitetônico final se assemelha aos resultados obtidos pelos surrealistas, um todo que, aparentemente, não parece harmônico, mas sim uma mistura entre diferentes linguagens, um trabalho de articulação entre as duas diferentes arquiteturas e o lugar em que se inserem. O processo de conexão entre os diversos nós é a essência do jogo, como juntar as partes e dar continuidade ao desenho ou poema é mais importante do que o resultado final, discutindo-se a qualidade dessa reciprocidade

A partir da nova estrutura formada (antigo + novo), criam-se (recriam-se) dinâmicas locais, envolvendo o transporte público, a malha urbana e atividades culturais e econômicas. Seria a reconstrução da cidade sobre a cidade, o palimpsesto urbano, a construção da arquitetura sobre a arquitetura, a possibilidade de uma transformação da memória sem que exista o seu abandono? Ou, em sentido inverso, quais os riscos de sua espetacularização? De forma geral, existem intensidades diferentes de projetos, os que se aproximam mais dessa

arquitetura espetáculo e os que se aproximam mais de um retorno que doa um novo espaço público e ou coletivo às cidades.

2.3. Diálogos

Existe um processo de transformação, do traço de um outro tempo, estrutura-cadáver, para um novo conjunto a partir de uma estrutura-acoplamento, sendo um e outro ao mesmo tempo, um cadáver-acoplamento. Seria um “resto” em um novo contexto, possibilidade para novos eventos. Seria o processo de surgir, uma outra vez, e ser transformada, interrompendo a forma inicial, sem nunca voltar ao seu estado anterior, mas sem que haja também uma completa transformação. Essa repetição não cíclica é apresentada por Derrida pelo neologismo “restance”, ou restância,

c'est cela qui est « répétable », ou « itérable⁷ ».... La « restance » est donc le nom d'une « identité clivée », ou différentielle, ou essentiellement reproductible, et n'est donc pas la même chose (tout au contraire) qu'une « permanence » à soi inaltérable, dans l'identité qui distingue une chose de toute autre. (DERRIDA, 1990 apud ANTONIOLI, 2006, p. 63 e 64)

[Em português (tradução livre)] É aquela que é “repetível” ou “iterável” a restância es portanto uma identidade fragmentada ou diferenciada, ou essencialmente reproduzível, não é portanto a mesma coisa (ao contrário) que uma permanência a ser inalterada na identidade que distingue uma coisa da outra.

Entendendo o conceito de Revenance, de Derrida, a partir do diálogo com o orientador desse trabalho, ele discorre sobre esse constante diálogo e em reconhecer em si mesmo a palavra do outro. Falar [com] o fantasma e não [por] ele, não se apropriando inteiramente dele, mas reconhecendo-o e dando seu devido valor. Evocar em si mesmo espectros e fantasmas outros, reconhecendo-os.

“Il devrait apprendre à vivre en apprenant non pas à faire la conversation avec le fantôme mais à s'entretenir avec lui, avec elle, à lui laisser ou à lui rendre la parole, fût-ce en soi, en l'autre, à l'autre en soi : ils sont toujours là, les spectres, même s'ils n'existent pas, même s'ils ne sont plus, même s'ils ne sont pas encore. ” (DERRIDA, 2006, p. 184)

[Em português (tradução livre)] É preciso aprender a não fazer uma conversa com o fantasma, mas se entreter com ele, deixa-lo e dar-lhe a palavra, “fui em si mesmo, no outro, para o outro em si”: eles estão sempre presentes, os espectros, mesmo se eles não existe, mesmo se eles não são mais, mesmo se eles não são ainda.

⁷ Se refere ao conceito “Iterabilidade” de Derrida, que exprime a capacidade de se repetir algo alterando-o ao mesmo tempo, pressupondo-se uma restância mínima do estado anterior combinado ao seu retorno, não mais o mesmo, justamente por ser um retorno. O conceito implica identidade e diferença ao mesmo tempo, ou seja, aquilo que se repete, as estruturas estudadas por exemplo, restam identificáveis, porém deslocadas, modificadas e parasitadas por novos contextos, sem a substituição completa de algo. As novas arquiteturas propostas não incorporam de forma total, não digerem integralmente as estruturas-cadáveres, existe sempre um diálogo constante entre um elemento e outro, não o abandono nem a transformação totais.

Vida e morte, nova e antiga estrutura, seriam apenas traços de “um tempo fora dos seus encaixes” (DERRIDA, 2006, p. 185), traços de dinâmicas econômicas, sociais e políticas refletidos na arquitetura. O constante diálogo entre os elementos e o distanciamento necessário para que não exista completa transformação nem completa estagnação desajusta a identidade única, intocável, existe sempre um espectro, um “mais de um” que prevalece e se mostra a partir de seus rastros.

Pode-se fazer uma analogia desse conceito à ressignificação das estruturas ociosas estudadas por meio dos acoplamentos arquitetônicos. A nova arquitetura, acoplada às antigas, reconhece nesse novo sistema a presença do outro, estrutura-cadáver, e dá um novo valor a ela. A partir do momento em que esse novo elemento se constitui, ele, de alguma forma, remete à presença do outro, ele se exprime sendo suportado por esse outro, e reconhece também a importância da sua própria expressão que, como arquitetura, possa dar voz e força à estrutura, até então ociosa, reconhecendo sua notabilidade e importância na cidade.

2.4. Restâncias

Seguindo a discussão de Huyssen, a conservação idêntica do passado e do patrimônio seria como fetiches de um tempo e de estruturas que devem permanecer intocáveis. Existe, nos projetos analisados, um certo desprendimento, que renuncia o patrimônio do estado de congelamento e sacralização, a mais um elemento a se trabalhar nas questões arquitetônicas e urbanísticas. O “construir junto” a ele, mantendo níveis de relação diversos, reafirmando essa mutação e montagem como uma nova arquitetura, um potencial urbano.

Inegável que os casos estudados nessa pesquisa possuem um evidente apelo imagético e estético. Os quatro projetos se fazem presentes de forma icônica no meio urbano, são arquiteturas que, além de possuírem uma grande escala, se apoiam também na linguagem formal e nos materiais construtivos como elementos de grande visibilidade da nova arquitetura. E é na transição dessa arquitetura primeiramente imagem para uma arquitetura aderente, social e urbanisticamente, que se encontram os diferentes estudos da pesquisa. É por meio de uma análise das intenções de projeto como também fenomenológicas, ou seja, como esses novos lugares acontecem nas cidades hoje, que se pretende verificar e avaliar a intensidade com que esse novo fluxo tem irrigado o território urbano.

2.4.1. Cité de la Mode et du Design, Paris

Figura 20: Situação urbana



Fonte : Google Earth

Figura 21: Nível térreo



Fonte : acervo pessoal (2019)

Figura 22 : Cobertura



Fonte : sortirparis.fr

No início do século XX, o governo francês investiu na construção de entrepostos industriais para enriquecer a logística das indústrias da cidade e do país e também como uma estratégia para expandir o porto de Paris. Esses entrepostos eram responsáveis pelo armazenamento de produtos que chegavam pelo Rio Sena às ferrovias. Em 1907, foi construído pelo arquiteto Georges Morin-Goustiaux o «Magasins Généraux d'Austerlitz», primeira estrutura em concreto armado aparente da cidade, deixando exposta a ossatura da construção. Essa estrutura era um grande depósito e fazia o armazenamento de mercadorias que seguiriam à Gare d'Austerlitz, importante estação ferroviária.

O entreposto industrial passou por um processo de abandono e degradação, sua função original foi descartada com a “desindustrialização” da capital, para outros centros. Paris, como a grande metrópole moderna não poderia mais comportar tamanha logística industrial no centro da cidade, dessa forma, estruturas complementares às indústrias restaram obsoletas. Em 2005, o governo francês decide organizar um concurso público para a criação de um programa cultural para redinamizar a estrutura. A conservação ou não da construção seria critério dos participantes, e o escritório Jakob+Macflane decidiu manter a estrutura e acoplar a ela uma nova estrutura, como uma carcaça que se fixa à existência.

Essa carcaça abriga os acessos verticais público que fazem as conexões entre os diferentes níveis: as margens do Sena, o térreo e os pavimentos superiores da estrutura. Foi criado um programa bastante diversificado, trazendo um outro fluxo à estrutura existente.

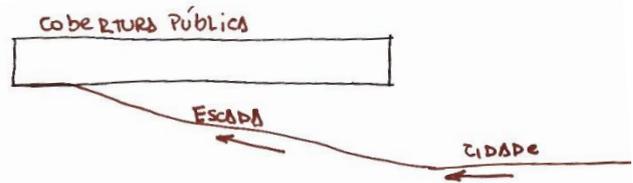
O Instituto francês de Moda abriga salas de aula, midiateca e um auditório, programa que mistura moda e design. Está na sua cobertura, [um lugar público de bares, restaurantes, deck] o momento em que edifício e cidade se reconectam pelo apêndice criado, como um grande “cadavre exquis”. Esse apêndice se torna um membro capaz de inaugurar um novo fluxo, cais do Sena e estrutura se aproximam.

Figura 23: Diagrama público [vermelho] x privado [preto]



Fonte: Autor do artigo

Figura 24: Infiltração da cidade no espaço



Fonte: Autor do artigo

A articulação em pele esverdeada parasita a estrutura antiga, contaminando-a em vários níveis, e, para além da estética, reinsere a antiga carcaça nos fluxos urbanos atuais. Um enxerto na forma de circulação garante a reanimação de um cadáver. O acesso vertical externo, público, independente do uso interno da estrutura [público ou privado], leva o pedestre ao nível da cobertura de forma fluida, contínua, garantindo a extensão do espaço público ao criar e ativar da cota pública elevada na cidade, amplificando a intensidade de uso do edifício. Ainda que seu programa abrigue espaços mais fechados e privados, essa circulação vertical externa garante o uso público da cobertura sem interferir nos acontecimentos internos do edifício, como ilustrado pelos diagramas acima [figuras 23 e 24].

A partir de seu programa e de estratégias projetuais, garantiu-se uma fusão intensa e múltipla ao conjunto, a associação entre os elementos deu-se de forma equivalente, sem que houvesse uma lógica hierárquica de superioridade entre eles. A nova estrutura torna visível a antiga estrutura, dando novos valores, ressignificando-a, ao mesmo tempo em que a expressão urbana e arquitetônica de cada elemento é reconhecida.

2.4.2. Boulevard Macdonald, Paris

Figura 25: Situação urbana



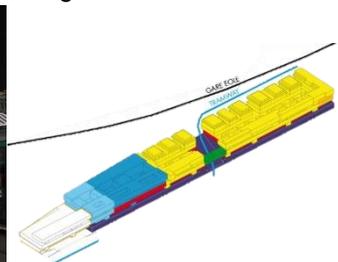
Fonte : Google Earth

Figura 26: VLT sob o Entrepôt



Fonte : acervo pessoal (2019)

Figura 27 : Axonométrica



Fonte : Semavip.fr

A região nordeste de Paris é essencialmente um ponto estratégico de entrada à cidade. Por se conectar a duas das principais estações ferroviária da capital, a Gare du Nord e a Gare de l'Est, essa região fazia parte da logística industrial da cidade, criando uma malha de estruturas industriais que a abasteciam. Como já mencionado anteriormente, Paris sofreu um processo de “desindustrialização”, deixando uma herança industrial na capital. Entrepósitos, galpões e antigas malhas ferroviárias são hoje de grande interesse ao Estado e aos

investidores privados como potenciais arquitetônicos, tanto pela reabilitação dessas estruturas em polos de atividades, zonas comerciais, polos de interesse social, como pela intenção de se fazer do local um território de experimentações urbanas, utilizando o patrimônio industrial existente.

O Entrepasto Macdonald, projetado em 1966 por Marcel Forest, se situa nesse contexto. Parte do grupo Calberson, de transportes e frete, trata-se de uma estrutura em concreto de 617m de comprimento, com malha estrutural bastante rígida, situada entre o Boulevard Macdonald e a ferrovia.

Nos anos 2000, por meio de um concurso público, foi elaborado um projeto urbano de renovação da área do entreposto, até então ociosa, pelo escritório OMA, a conservação dessa estrutura fez parte da estratégia de recuperação dessa zona, além da adição de novos programas e novas estruturas. No antigo projeto, a cobertura do entreposto era um grande espaço de estacionamento, suportava aproximadamente 1500 carros. Essa cobertura foi elemento principal de conexão entre a antiga estrutura e as novas construções; onde antes era um estacionamento, espaço “defunto”, agora faz papel de articular cada parte do novo projeto a um todo estrutural. Pátios abertos entre as novas construções são espaços hoje de agregações comunitárias.

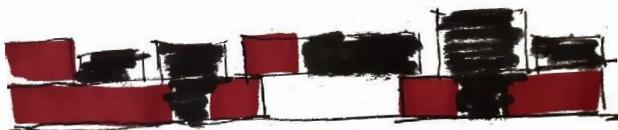
A construção de uma nova estação de RER [malha expressa regional da “Île de France”. Linha em preto, figura 27], Rosa Parks, e da linha de VLT [linha em azul, figura 27], também fez parte do projeto urbano, e foi de extrema relevância para a reconexão dessa parte da cidade, novo polo arquitetônico, às logísticas urbanas atuais. Conectou tanto o novo bairro aos demais bairros da cidade quanto a outras regiões da Île de France.

O entreposto, que antes era uma barreira, foi encarado como peça fundamental para a criação de um eixo Norte-Sul e foi cortado fisicamente para que um novo fluxo (corte-fluxo) o penetrasse, a linha de VLT, que passa sob uma abertura criada na estrutura [Figura 26]. Esse falha na estrutura representa uma solução infraestrutural de conexão entre os diferentes modais de transporte público. A diversidade programática contribuiu para a construção de um território dinâmico e híbrido, representa a potência de um bairro ao longo dele, uma nova centralidade. O “Boulevard” condensa grande diversidade de práticas e funções, foram propostos habitações sociais, para estudantes e trabalhadores dos escritórios instalados no local, incubadora de empresas, um equipamento esportivo e escola, além de cafés, bares e espaços comerciais.

A diversidade também se apresenta na maneira como o projeto foi concebido. O programa foi montado por meio de sobreposições, como uma montagem de programas e situações sobre e sob o entreposto concretizou-se o todo diverso arquitetônico. Cada arquiteto, a partir de um traço restante [o entreposto] montou uma parte do novo todo, como eram feitos os poemas e desenhos dos surrealistas no “Cadavre Exquis”. Mais importante que

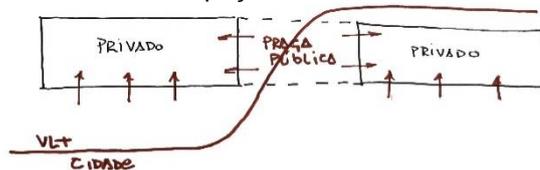
uma forma harmônica, os componentes, cada um com sua singularidade, compõem o novo todo, um uno construído por multiplicidades, vários “unos” menores, partes em [des]harmonia.

Figura 28: Diagrama em corte: público [vermelho] x privado [preto]



Fonte: Autor do artigo

Figura 29: Diagrama em planta: Infiltração da cidade no espaço

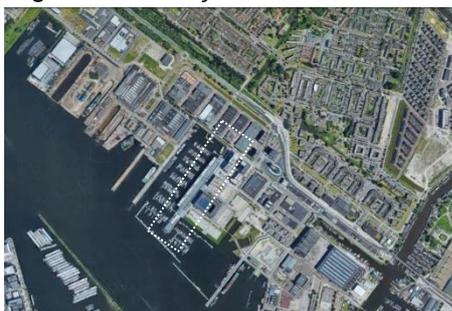


Fonte: Autor do artigo

Os diagramas acima [figuras 28 e 29] evidenciam a integração da estrutura com a cidade e os espaços públicos e privados propostos. Por meio da praça central [criada a partir da perfuração da estrutura pelo vlt] e pelo térreo se dão os acessos aos diferentes programas propostos, com lojas e restaurantes no térreo, e ainda alguns usos públicos nas cotas superiores. A posição estratégica e pública dos acessos garante a maior integração do contexto urbano com a estrutura, como se a cidade também fosse costurada para dentro da estrutura pelo vlt que a atravessa, um fora que se torna dentro e vice-versa.

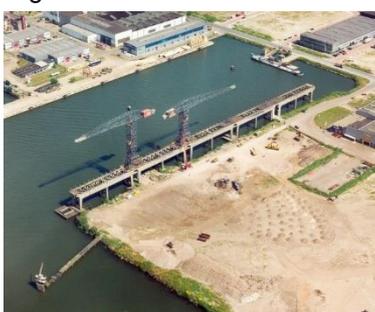
2.4.3. Kraanspoor, Amsterdã

Figura 30: Situação urbana



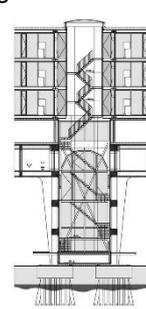
Fonte: Google Earth

Figura 31: Plataforma existente



Fonte: Archdaily.com.br

Figura 32: Corte transversal



Fonte: Archdaily.com.br

Ao norte de Amsterdã, ainda parte do porto da cidade, existe um território, posse da NDSM, antiga empresa de construção naval, e que foi, nos anos 60 o maior canteiro de construção e reparos de navios do mundo. Uma zona industrial que, a partir dos anos 70 e 80, esse enorme canteiro passa por um processo de abandono, deixando no território marcas desse tempo industrial, com a presença de hangares, docas e todo o sistema que o suportava. Após o processo de abandono, o território foi ocupado por artistas e associações alternativas, atraído por essas estruturas abandonadas e vazias. Esse processo de ocupação chama a atenção do Estado e impulsiona a reabilitação do território a partir de um plano urbano, que se utiliza das estruturas abandonadas e propõe novas arquiteturas como forma de reabilitar urbanisticamente esse bairro.

A diversidade programática proposta para as antigas estruturas abandonadas é o principal ponto de interesse do plano. O bairro continua a possuir uma característica alternativa, com espaços para artistas e estudantes, além disso, foi escolhido como estratégia

urbana a implantação de espaços comerciais de trabalho. Dentro dessa lógica, insere-se o Kraanspoor, o primeiro projeto do plano urbano a ser concluído.

O Kraanspoor é uma plataforma de concreto sobre o rio Ij que suportava dois guindastes de carga e fazia reparos em navios e embarcações ancoradas. A plataforma possui 270m de comprimento, 8,7m de largura e 13,5 de altura, num primeiro momento do plano urbanístico essa plataforma deveria ser demolida, porém, o projeto do escritório OTH foi de extrema importância para a justificação da sua conservação e ressignificação.

O projeto proposto se aproveita da plataforma como um suporte para a uma caixa de vidro suspensa, em que foram projetados espaços para uso de escritórios. A montagem dessa nova estrutura coloca em evidência a individualidade de cada elemento, a plataforma se manteve intacta fisicamente, porém, a partir da adição de um novo elemento, se torna uma plataforma suporte, totalmente diferente da anterior, ainda que bastante identificável como elemento.

Existia no projeto a intenção de se criar espaços que fossem comuns e coletivos a diferentes escritórios. Esses espaços se localizavam no encontro das torres de acesso vertical ao escritório com os espaços de trabalho (como mostra no corte da figura 32). Além disso foram criadas passarelas externas ao projeto que seriam também espaço para coletivo, e rota de emergência. Porém, atualmente, o novo fluxo vertical que irrigava esse projeto, e possibilitava o uso desses espaços de forma livre foi cortado, isolando-o do contexto, tornando-o uma “ilha” de 270m de comprimento, como ilustram os diagramas abaixo [figuras 33 e 34].

Figura 33: Diagrama em corte: público [vermelho] x privado [preto]. Fluxo cortado [roxo]



Fonte: Autor do artigo

Figura 34: Diagrama em corte: Infiltração da cidade no espaço interrompida.



Fonte: Autor do artigo

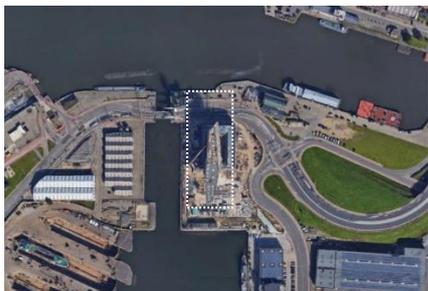
Hoje devido a questões e justificativas específicas, como segurança, não existem mais esses espaços de uso coletivo, como foram imaginados no projeto, e a passarela externa está fechada, sendo apenas utilizada como rota de emergência. O projeto resta como uma caixa fechada à cidade e à população, resta isolado do bairro e não se relaciona com o espaço público. Ainda que os acessos verticais se deem de forma imediata e independente do uso interno [espaços privados dos escritórios], a relação com a cidade foi cortada, é impossível acessar qualquer uma das estruturas, plataforma ou caixa de vidro; há inclusive uma senha digital exclusiva para quem trabalha no local. Em uma conversa com uma funcionária de um dos escritórios ela diz:

“Antes era muito diferente, os escritórios usavam desses espaços compartilhados como uma forma de se abrir e conviver com os outros, agora fica tudo fechado e vazio, e nem mais na passarela é possível ir, por motivos de segurança” (nome não identificado, janeiro 2018)

O embricamento entre os dois organismos não foi garantido a partir do acoplamento, plataforma e caixa de vidro continuam sendo dois, mesmo fisicamente conectados, o fluxo que os uniria, os acessos verticais externos, foram cortados, excluindo a possibilidade de existência espaços de compartilhamento ou até mesmo de um espaço público na cota intermediária, entre a caixa de vidro e a plataforma. Não há lubrificação suficiente para que esse elemento seja reinserido nas novas dinâmicas urbanas apresentadas. Existe uma relação em desequilíbrio, em que a estrutura proposta e a estrutura antiga não se associam intensamente e de forma mútua, é como se a caixa de vidro usufrísse do organismo plataforma sem oferecer a ela uma nova vitalidade urbana e arquitetônica.

2.4.4. Maison du Port, Antuérpia

Figura 35: Situação Urbana



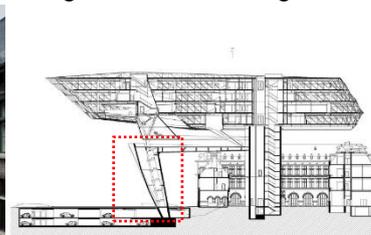
Fonte : Google Earth

Figura 36: Pátio interno



Fonte : Google Earth

Figura 37: Corte longitudinal



Fonte : Archdaily.com

Ainda tratando-se de regiões portuárias, o último caso estudado situa-se no porto de Antuérpia, segundo maior porto da Europa. Essa construção foi sede de uma das zonas de segurança belga, [agrupamento geográfico dos serviços de incêndio] nos anos 60, localizada no limite entre a cidade e o porto. Atualmente, foram construídos nessa área alguns pontos de atração, como por exemplo, museus, um grande parque, casas de eventos e bares, para que ela se integrasse de forma mais intensa com o restante da cidade. A reutilização e preservação do antigo quartel foi premissa para a construção da nova Sede do Porto, a possibilidade de mudança programática dessa antiga estrutura, foi responsável pela sua conservação como construção física.

Foi escolhido, por meio de um concurso o projeto desenhado por Zaha Hadid, um objeto arquitetônico em forma de navio, de superfícies envidraçadas, que “flutua” no edifício existente, e mantém visíveis as quatro fachadas (também condição imposta pelo concurso realizado). O pátio central da antiga estação de bombeiros foi fechado por uma lâmina de vidro e transformado em área de recepção da nova sede. A partir deste átrio central, há um acesso à nova estrutura, por meio de elevadores panorâmicos. Os elevadores chegam em

um espaço com vista panorâmica da cidade, e além de escritórios, os andares superiores possuem restaurante e um auditório.

Como já mencionado, todos os objetos estudados possuem um forte apelo imagético para tornar essas estruturas em abandono novos pontos de atração da cidade, porém, a forma e a intensidade com que a imagem se transforma em qualidade urbana e arquitetônica é questionável nesse caso. A [re]inserção desse novo conjunto arquitetônico na cidade depende de escolhas e estratégias urbanas e arquitetônicas, para que o projeto passe de uma imagem, ponto estático, a nós integrantes de fluxos e dinâmicas urbanas.

Através da visita ao local, algumas situações se distanciam do proposto pelo projeto, o conjunto formado se expõe na cidade como um objeto marketing, um novo ponto turístico de Antuérpia, espetacularizando sua estrutura. Para visitar a nova estrutura proposta [reforçando, visita-la e não vivencia-la], é necessário marcar um horário, visita guiada feita por um guia oferecido pelo Porto, com reserva prévia.

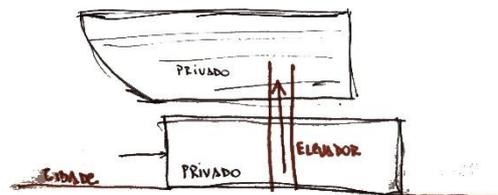
A conexão entre o antigo e o novo e a intenção de se fazer dessa arquitetura uma nova urbanidade se torna fraca devido à dificuldade momentânea de acesso, como mostrado nos diagramas abaixo [figuras 38 e 39], o acesso vertical à nova estrutura encontra-se no pátio interno do edifício apresentando dificuldade em penetrar um edifício privado para o acesso da cota pública. Não é possível conhecer a estrutura espontaneamente, ela não se apresenta como um local de permanência nem de fácil acesso, impedindo que ela se ofereça ao público como espaço de acontecimentos diversos.

Figura 38: Diagrama em corte: público [vermelho] x privado [preto]. Fluxo cortado [roxo]



Fonte: Autor do artigo

Figura 39: Diagrama em planta: Infiltração da cidade no espaço



Fonte: Autor do artigo

Algumas estratégias poderiam ter sido escolhidas para que um programa privado (sede do Porto) e a cidade coexistissem, como por exemplo, se o pilar de apoio externo (usado como escada de emergência, em destaque no corte da figura 37) fosse um acesso público à cota superior, seria possível articular essa arquitetura à cidade, como uma infiltração, um prolongamento do espaço urbano na estrutura. O espaço panorâmico poderia ser uma praça pública elevada de acesso independente; a relação entre o conjunto arquitetônico formado e a cidade seria diferente; o edifício de Hadid seria o elemento articulador entre o edifício histórico e a cidade.

O que foi desejável público e aberto nas decisões projetuais foi descartado devido a algumas lógicas de uso e segurança, assim como os espaços de compartilhamento do

Kraanspoor. O processo projetual, apesar de ter mantido e preservado fisicamente a antiga estrutura, manteve os elementos díspares e desconectados, não como o conjunto desarmônico, apresentado a partir do Cadavre Exquis, mas como um agenciamento que falhou a partir do momento em que o fluxo que o irrigaria, por meio do programa e espacialmente, também foi cortado das lógicas urbanas sem produzir novos fluxos públicos urbanos, apenas privados. Não houve, portanto, uma troca intensa de fluxos entre os dois elementos, a nova construção, como ícone, como espetáculo pousa sobre a antiga mantendo-se como elemento à parte, como elemento estranho ao outro, sem que exista a partir de então uma contaminação mútua entre os dois organismos, menos ainda com o espaço público, a não ser contemplativo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quatro objetos estudados são consequência de uma transformação que não se dá de forma completa, mas surge de algo e se transforma em uma multiplicidade reconhecida, coesa, mas ainda “identificável” em sua originária identidade. As estruturas que foram preservadas, nesses quatro estudos de caso, foram responsáveis por manter a identidade das construções como um traço, um rastro que impulsionou sua própria modificação, a partir do momento em que suas funções primeiras foram apagadas, seus conteúdos esvaziados. Essas não são mais enxergadas de forma pontual, como um objeto isolado, mas já são outra coisa a partir da presença de outros traços, da chegada de novos fluxos, enfim a partir de novas estruturas acopladas a elas, seriam parasitas que buscam formas imprevisíveis de se impregnar.

O deslocamento de lógicas, seja programático, funcional, histórico ou econômico, a partir de seus cortes, gera novos questionamentos e novas possibilidades. O trazer à vida, a partir de um trabalho de articulação e montagem de elementos arquitetônicos ultrapassa a relevância estética, o novo conjunto formado, antigo + novo, marca de alguma forma a individualidade de cada elemento e memora em si mesmo a presença do outro, como um conjunto múltiplo em [des]harmonia.

Desligando-se do pensamento usual, e fazendo alusão aos exemplos apresentados, a discussão sobre a construção de um conjunto vivo, entre o novo e o existente, patrimônio supostamente ocioso (morto) das cidades, pode representar uma das formas de aproveitamento e reabilitação de elementos. Através de acoplamentos arquitetônicos, torna-se possível o retorno, não idêntico, de estruturas tidas como obsoletas, tendo suas existências urbanas e sociais ressignificadas. O descolamento dessas estruturas, o corte histórico, que parece representar seu fim como elemento urbano, é, na verdade, a abertura para uma nova lógica de reinserção.

Abertura que possibilita a existência de uma arquitetura que se adequa e responde a questões urbanas, sociais e econômicas e que encontra na discussão da reabilitação do

patrimônio por novos acoplamentos uma possibilidade de fuga da lógica do descarte ou museificação patrimonial totais. Ambas estratégias que acabam por reificar arquiteturas e espaços urbanos ao subestimarem a força da memória como fonte de povires.

4. REFERÊNCIAS

ANTONIOLI, Manola. **Abécédaire de Jacques Derrida**. Mons : Les Éditions Sils Maria ^{asbl}, 2006. 247p.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. **Berlim e Barcelona: duas imagens estratégicas**. São Paulo: Annablume, 2012. 164 p.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. **Chai-na**. São Paulo: EDUSP, 2011. 190 p.

DERRIDA, Jacques. Limited Inc. Paris: Galilée, 1990. 105p.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo : Perspectiva, 2013. 128p.

GUATELLI, Igor. **Biblioteca Pública de Seattle. Entre pirâmide e vulcão**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 11, n.126.00, Vitruvius, nov. 2010 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.126/3658>>.

GUATELLI, I. **Indelévels rastros**. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, n. 28, p. 144-156, 1 dez. 2010.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 11^o. Ed.: DP&A Editora, 2006. 101p.

HUYSEN, Andreas; HOLLANDA, Heloísa Buarque de; UNIVERSIDADE CÂNDIDO

MENDES. **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano: UCAM, 2000. 116 p.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, Os Movimentos Aberrantes**. São Paulo: N-1 edições, 2015, 320p.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Estetização do Mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 467p.

MERCURIALI, Mathieu. **141-221 Boulevard Macdonald, Reconversion de l'entrepôt Macdonald**, Paris: Pavillon de l'Arsenal, 2014. 303p.

MVRDV. **Metacity Datatown**. Rotterdam: MVRDV/010 Publishers, 1999. 224p.

SERRES, Michel. **Le Parasite**. Paris: Grasset, 1977. 461p.

TSCHUMI, Bernard. **Architecture and Disjunction**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1999. 268p.

ZOURABICHVILI, François. **Le Vocabulaire de Deleuze**. Paris: Ellipses, 2003. 96p.

Contatos: natrachid7@gmail.com e iguatelli@mackenzie.br